

A grande busca
pelo sentido da vida

A grande busca pelo sentido da vida

OS GUINNESS

Traduzido por Claudia Santana Martins



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Os Guinness
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers
Grove, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da Nova Versão
Transformadora (NVT), da Tyndale House Foundation,
salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou
parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos,
mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia
autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G982g

Guinness, Os

A grande busca pelo sentido da vida / Os Guinness ;
tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo :
Mundo Cristão, 2022.

144 p.

Tradução de: The great quest
ISBN 978-65-5988-166-6

1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. 3. Significado
(Filosofia) - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Martins,
Claudia Santana. II. Título.

22-79960

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Marina Timm

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: novembro de 2022

DOM
E para Cŕ.

Em grata lembrança de
Blaise Pascal, G. K. Chesterton e C. S. Lewis,
o trio brilhante dos que se tornaram os guias mais confiáveis
em minha busca por fé e sentido.

Sumário

1. Convite para uma vida examinada	9
2. Lançar-se à busca por conta própria	24
3. Uma aventura, mais do que uma argumentação	33
4. Tudo começa com uma pergunta <i>Primeira fase: Tempo de perguntas</i>	53
5. Dando início à jornada	70
6. Uma enorme diferença <i>Segunda fase: Tempo de respostas</i>	83
7. Verificando <i>Terceira fase: Tempo de comprovações</i>	101
8. Passo rumo ao lar <i>Quarta fase: Tempo de compromisso</i>	118
Índice de nomes	139

1

Convite para uma vida examinada

Você está sempre tentando entender as coisas? Há em seu coração um desejo profundo de um sentido de ordem e integração? Já experimentou um sentimento de admiração diante da beleza do mundo e do mistério da existência? Ou você não se interessa por questões como essas? Para aqueles que estão dispostos a buscar uma vida examinada, há um caminho seguro para explorar tais desejos. Venha comigo e consideremos as perguntas em si e a grande busca pela fé e sentido que elas incitam. O prêmio proporcionado por tal busca não é nada menos do que uma vida digna de ser vivida.

“Esqueça as pesquisas de opinião. Pense por si mesmo.” Essa antiga máxima precisa ser recuperada hoje em dia, nestes tempos obcecados com o outro. Muita gente se interessa muito pouco por assuntos como o sentido da vida. Interessam-se apenas quando as questões são populares entre os outros também. Dificilmente essas pessoas já refletiram sobre o que é a vida, e elas não têm nenhuma curiosidade quanto ao motivo pelo qual existem. Insista em lhes fazer essas perguntas e lhe dirão que tudo o que importa é que elas estão vivas e com saúde, desfrutando da vida no dia a dia — e sob as generosas condições do mundo moderno, que, com certeza, não são tão más. O melhor caminho, elas nos dizem, é fazer o que temos a fazer e aproveitar a vida enquanto

podemos. Afinal, diz-se que estamos entrando na era mais irreligiosa na história da humanidade, em que a seriedade em relação à fé e ao sentido é irrelevante para mais pessoas do que nunca. Já temos o suficiente com que nos preocupar. Por que deveríamos nos preocupar com questões impossivelmente complexas sobre qual é o *propósito* da vida?

De quando em quando nos apontam os “NDAs” religiosos, os “nenhuma das anteriores”, como exemplos dessa indiferença que está na moda. Eles são a maré crescente daqueles cuja fé está em refluxo, a “Praia de Dover” de Matthew Arnold* de nossos tempos. Sem dúvida, aquilo em que os NDAs dizem que não creem mais, e em que dizem que é importante que todos creiam, com frequência significa muito pouco e parece importar ainda menos. O resultado é um niilismo despreocupado, muitas vezes mascarado sob uma bravata espertinha. Muitos dos NDAs soam como se fossem tão cultos quanto Platão mesmo quando declaram bobagens. (“Sou um ateu que acredita em Deus”, declarou um solenemente. Outro tuitou com pseudopropriedade uma afirmação contraditória semelhante para seus milhões de seguidores: “Se houvesse um sentido supremo no universo, sua vida seria inútil”.)

Comparados à maioria das pessoas em quase todas as épocas anteriores, muitos da geração atual são não apenas desinteressados, mas também não instruídos sobre como buscar o sentido da vida. A situação é tão confusa e caótica quanto aquela a respeito do caminho seguro para relações duradouras. Muitas das elites atuais descartam como sem sentido a

*Poema de 1867 em que o autor observa as ondas na praia e faz um paralelo com o declínio da fé diante da ascensão da ciência (N. da T.).

própria ideia de sentido da vida. Como resultado, os caminhos para a busca são cercados, bloqueados e cada vez mais desconhecidos e inexplorados. Para qualquer um que ainda esteja determinado a romper com a multidão e lançar-se por conta própria, a busca é frequentemente aleatória e assistemática — uma questão de cada um por si.

Mas será que nossa geração é realmente tão indiferente que não nos perguntamos mais sobre o sentido da vida? O que diz de nós e de nossa visão da existência o fato de que nos contentamos em supor que não há mais nada na vida além de andarmos a esmo o melhor que podemos? Por que estamos aqui? O que podemos saber? O que é uma vida boa? Qual deve ser nossa relação com o cosmos em que vivemos? Devemos nos contentar com clichês e pensamento de consenso? Se a incidência crescente do suicídio nos abre os olhos para o fato de que demasiadas pessoas não querem continuar existindo, então a taxa de natalidade em queda abrupta em todo o mundo moderno levanta uma questão semelhante em um nível diferente: O que seria preciso para que a humanidade deseje continuar a existir de modo frutífero?

Durante muitas gerações, teria sido considerada uma declaração confiável a de que a fé em Deus é parte essencial da experiência humana. Carl Gustav Jung dizia que a pergunta fundamental na vida humana é se estamos ou não relacionados com o infinito. Mas no debate cultural atual essa afirmação já não soa evidente. Está realmente superada, é arrogante ou é simplesmente absurda? “O simples fato é que a religião deve morrer para que a humanidade viva”, anunciou um famoso apresentador de rádio nos Estados Unidos, sem fazer rodeios. Muita gente hoje em dia diz que não quer Deus, outros dizem que não precisam de Deus, e alguns agora dizem que, com a

biogenética e a ultrainteligência, eles podem substituir Deus. E quem vai dizer que estão errados, eles acrescentam, se eles parecem viver tão facilmente sem Deus?

Como você especificaria as opções básicas para refletir sobre o sentido da vida? A situação melhoraria ou pioraria para você se disséssemos que nossa garantia final na vida não deveria estar em Deus nem em qualquer religião, mas somente na razão humana, na ciência, na tecnologia, na gestão, na natureza e na história? Você concorda com a famosa máxima de Bertrand Russell de que “o que a ciência não pode descobrir, a humanidade não pode conhecer”? Você se contenta em viver no que Platão chamava de “caverna”, onde não se permite que o sol penetre, e que Peter Berger descreveu como “o mundo sem janelas”? Você se sente confiante em que nós, seres humanos, desvendaremos de alguma forma os mistérios e desafios da vida e do universo por conta própria e seremos capazes de viver bem juntos nesta pequena bola azul que é nosso lar?

A verdade é que a necessidade urgente de nossos tempos é uma seriedade revigorada a respeito da existência humana e uma abertura renovada a perguntas fundamentais. Respostas a perguntas fundamentais são não apenas vitais para cada um de nós enquanto indivíduo, como também para sociedades e civilizações inteiras. Com efeito, não existem grandes sociedades ou civilizações sem respostas confiáveis a perguntas fundamentais, e tais respostas precisam se tornar vitais novamente em nossas escolas, universidades e em nosso debate público, tanto quanto em nossas famílias. Nem só de cinismo vive o ser humano. Saber o que é a vida é essencial para encontrar felicidade na vida. A lacuna entre a realidade de um ser humano e o ideal de ser humano é agora preocupantemente

ampla, e estamos nos aproximando do alerta de C. S. Lewis de uma geração controladora que, por meio da engenharia genética e psicológica, é capaz de decidir o rumo de todas as gerações futuras — e tudo sem o consentimento dessas outras gerações.

Apesar disso, muitos se tornaram complacentes em relação aos engodos e às ilusões de nosso avançado mundo moderno. Temos coisas demais a tolerar e muito poucas razões por que viver. Enamoramo-nos da ilusão de nosso próprio domínio e controle, e até da onipotência humana. Muita gente vive como se, na célebre rejeição de Heinrich Heine a Karl Marx, fossem “ateus deuses de si mesmo” que se imaginam autosuficientes. Mas, depois de uma pandemia global, podemos mesmo acreditar que estamos no controle de nós mesmos e de nosso mundo, e no controle da história e do futuro? E se isso for uma ingenuidade, se não orgulho arrogante, que não podemos mais nos permitir?

O primeiro passo essencial para todos nós é explorar o que acreditamos ser o sentido da vida e, à luz dele, aprender a vivermos juntos bem, mesmo com outros que possuam visões um tanto diferentes sobre o que é a vida.

Como vemos a vida?

Todos certamente podemos começar a busca com a simples verdade de que o primeiro e maior bem que possuímos na vida é a própria vida. Mas como é que vemos a vida e nossa própria vida? A vida é breve, a vida é frágil e a vida é ofuscada pela morte ao final. Você vai morrer, eu vou morrer, e a morte zomba da maioria de nossas ideias e ações atuais. (O autor Philip Roth, em seu octogésimo aniversário, cita

Franz Kafka: “O sentido da vida é que ela acaba”.) Então, o mero fato de uma vida curta, vivida no rumo de uma morte certa, levanta a questão do sentido da existência humana. O que significa a vida? Vivemos apenas uma vez e não existe ensaio para essa nossa entrada única no palco, ou ficamos dando voltas e voltas ao redor com o “eterno retorno” de intermináveis entradas e reentradas (ou reencarnações)? Como devemos entender a vida a fim de aproveitá-la ao máximo e viver bem uns com os outros?

Nós humanos, ao que parece, somos a única forma de vida que se coloca a pergunta *por quê*. Somos os únicos que podem voltar no tempo com a memória e a história, bem como avançar nele com a imaginação e a perspectiva. Tudo indica que somos a única espécie que tem consciência da vida de forma tão ampla ou que se indaga sobre o sentido das coisas. Então não é tão surpreendente que a vida nos coloque questões fundamentais. O sentido de algo só pode ser entendido dentro do sentido mais amplo de tudo. Para que vivemos? Como aproveitamos da melhor forma a vida que recebemos? A quem ou ao que devemos responder por nossa vida? O que significa viver uma vida bem vivida e uma vida que vale a pena viver?

Obviamente, nenhum de nós decidiu começar a existir. Não escolhemos nossos pais, nem escolhemos quando ou onde nascer, então seria absurdo pensar que devemos a vida a nós mesmos. E com certeza é ridículo e assaz arrogante pensar que a vida se refere apenas a nós, já pelo fato de que existem tantos bilhões de outras pessoas vivas ao mesmo tempo. Além disso, o fato é que está chegando o momento em que não estaremos aqui, e não levará muito tempo até que a vida continue como se nunca tivéssemos estado aqui.

A quem ou ao que, então, devemos a vida, e o que ela vem a ser? Devemos a vida a nossos pais, à sociedade, à natureza, à evolução, ao universo, a Deus ou aos deuses — se é que existe algum? O que significa para nós existir ou ser? Como devemos responder ou mesmo retribuir ao dom da vida? E como vamos fazer máximo proveito da maravilhosa dádiva do tempo, para que saibamos, pelo menos, que empregamos da melhor maneira possível nossos dias?

Este livro é para aqueles que se preocupam com tais perguntas. Deixe-me iniciar com três histórias de respostas diferentes a essas perguntas. Salvador Dalí, o pintor espanhol, era extravagante tanto na vida real quanto na arte. Adorava promover sua própria imagem pública; criou quadros e orquestrou um estilo de vida que zombava das convenções e deleitava-se em surpreender as expectativas do público. Esse impulso de desafiar tinha raízes profundas na história pessoal de Dalí. Suas relações com o pai haviam sido turbulentas. Certa vez, depois de uma cena tempestuosa entre pai e filho, o jovem Dalí saiu bruscamente da casa do pai. De volta à sua própria casa, ele se masturbou, colocou o esperma em um envelope, endereçou-o ao pai, e — como se estivesse pagando uma conta de gás ou luz — escreveu no envelope: “Dívida quitada”.

Muito diferente era o mundo bem-sucedido de um empresário de Nova York, que era tão ocupado que não teve tempo para estar presente na maternidade quando a esposa deu à luz seu filho. A primeira oportunidade que teve de ver o bebê foi quando a mãe e o bebê foram para casa. Finalmente, ele tirou uma folga do trabalho, foi para casa, atravessou o quarto até o berço e olhou para o filho recém-nascido. Um olhar de assombro se estampou em seu rosto. Um amigo lhe

perguntou o que o havia espantado, e ele respondeu: “Não entendo como eles conseguem fazer um berço desses por apenas 29,50 dólares”.

Poucas pessoas poderiam ser mais diferentes do artista e do empresário do que o grande filósofo judeu Abraham Joshua Heschel. Nascido em Varsóvia, na Polônia, e educado na Berlim de Hitler nos anos 1930, ele se descrevia como “um tição arrancado do fogo”. Chegou aos Estados Unidos poucas semanas antes da invasão da Polônia, sem saber que iria perder a mãe, as irmãs e muitos outros membros da família em Auschwitz-Birkenau. Em Nova York, onde morou o restante da vida, tornou-se não apenas um grande líder judeu, mas também filósofo e acadêmico, ativista dos direitos civis ao lado do dr. Martin Luther King Jr., poeta e intelectual amplamente respeitado. Atingido por um ataque cardíaco quase fatal ao final da vida, contou a um amigo: “Quando recuperei a consciência, meus primeiros sentimentos não foram de desespero ou de raiva. Senti apenas gratidão a Deus por minha vida, por todos os momentos que havia vivido. [...] Foi isso o que quis dizer quando escrevi: ‘Não pedi sucesso; pedi deslumbramento. E tu me atendeste’”.

Podemos muito bem perguntar o que era pior: a total ingratidão de Dalí para com seus pais, que lhe haviam dado a vida, ou o crasso reducionismo do empresário, que ignorou o milagre da vida em troca de dividendos da economia de mercado? Da mesma forma, podemos perguntar como Heschel, apesar de Auschwitz e da aniquilação de sua família e de tantos de seu povo no Leste da Europa, e apesar do racismo e dos males contra os quais protestou tão ardentemente nos Estados Unidos, ainda pudesse considerar o deslumbramento como a fonte da sabedoria e da gratidão, assim

como a única resposta adequada ao dom da vida com o qual ele acreditava ter sido agraciado.

Como nossas respostas podem se comparar a essas três? Você já pensou em como vê a vida? Histórias como essas poderiam ser ampliadas interminavelmente, mas a verdadeira questão é como cada um de nós vê a vida, e como estamos tentando desfrutar dela da melhor forma e viver bem e com sabedoria.

Sem curiosidade nem questionamentos

A verdade é que muita gente nunca se pergunta “Por que estamos aqui?”. Mostram pouco interesse no sentido de sua existência. Apenas encaram a vida e o tempo como fatos consumados. Afinal, eles estão respirando, comendo, trabalhando, dormindo, falando e rindo hoje assim como estavam ontem. Para a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, o amanhã parece apenas uma repetição do mesmo. É fácil viver assim, porque a maioria das pessoas simplesmente aceita a si mesma e sua existência, e nunca se pergunta sobre os costumes e os modos de viver dos que estão ao redor. Com muita frequência, paramos de fazer perguntas quando nos tornamos adultos e perdemos a curiosidade que tínhamos quando crianças. Assim, nunca paramos para nos maravilhar de quão assombrosa a vida é — e não apenas nossa vidinha, mas a existência do próprio universo, o sol, a lua, as estrelas e as galáxias, assim como o milagre das coisas simples que nos rodeiam, como as gotas de orvalho, os dentes-de-leão e os cachorros.

Não obstante, a existência em si é espantosa. Se você parar para pensar, surgem mil perguntas de todos os tipos. Por que existe algo, em vez de nada? O que trouxe a existência à

existência? Por que cada um de nós está aqui? O que viemos fazer aqui? Se não viemos de nós mesmos, por que achamos que temos direito absoluto sobre nós mesmos e a quem, então, devemos prestar contas? Como devemos nos relacionar com o mundo ao redor e com as outras pessoas, e decidir o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado, justo ou injusto? Como aproveitamos da melhor forma o que é, na verdade, um momento bastante fugaz neste mundo? Será que essa vidinha é tudo o que existe, ou existe algo mais depois dela?

Não demora muito tempo até você se ver levantando questões que ecoam aquelas que seres humanos como nós têm feito há séculos. A mera existência, simplesmente estar vivo, é uma coisa, mas a vida e todo um universo com sentido, propósito e compreensão é outra. Como tudo veio a ser o que é? O que significa viver bem? Como encontramos uma sólida fundação para nosso propósito na vida, para nossos amores, nossas amizades, nosso trabalho e nossa associação às comunidades em que vivemos? É importante viver o que o grande filósofo grego Sócrates chamava de uma vida examinada — uma vida ponderadamente responsável? É estranho que, assim que começamos a pensar nisso, a vida coloque mais perguntas do que ofereça respostas, mas, de algum modo, raramente nos preocupamos com as perguntas. É como se tivéssemos todas as respostas de que precisamos.

Precisamos de significado como precisamos de oxigênio

Será que perguntas como essa realmente importam, ou são apenas para filósofos? Estranhamente, há muitos filósofos de verdade hoje em dia que fazem pouco até da ideia de sentido

da vida. A procura de sentido, diz um livro, é uma tarefa adequada apenas a místicos, comediantes e loucos. Diz a lenda que um motorista de táxi de Londres certa vez perguntou ao ilustre matemático e filósofo Bertrand Russell qual ele achava que era o sentido da vida. O maior filósofo de sua época ficou aturdido. *Apenas perguntas exatas merecem respostas exatas*, os filósofos respondem meticulosamente. A própria pergunta teria de ser formulada rigorosamente antes que pudesse ser respondida adequadamente. “O universo só está lá, e isso é tudo”, Russell costumava dizer, sem nenhuma curiosidade para um filósofo.

Os comediantes gostam de brincar com essa questão também. Para a trupe do Monty Python, a vida é absurda, então perguntas sobre o sentido da vida são bobas, e as respostas também são absurdas. Uma das noites mais divertidas de minha vida foi quando minha esposa e eu jantamos com Douglas Adams, autor de *O guia do mochileiro das galáxias*. Nesse livro, foi pedido ao computador Pensador Profundo que decifrasse o sentido da vida, e ele levou sete milhões e meio de anos para finalmente chegar à resposta: 42. O mundo, então, precisou construir um computador ainda maior para descobrir qual era a pergunta. A procura do sentido da vida, alguns dizem, talvez seja o único sentido que há na vida.

Esse desdém talvez seja comum em círculos intelectuais hoje, mas certamente é uma das atitudes mais tolas em nossa era esclarecida, que, com muita frequência, é arrogante demais e acaba tropeçando na própria tolice. Encarar a vida sem questionamentos é um dos piores erros em nosso mundo moderno, em uma época em que menos podemos nos permitir esse tipo de erro. O fato é que a vida do *Homo sapiens* envolve mais do que instintos animais e a satisfação das necessidades físicas.

As necessidades dos animais podem ser facilmente satisfeitas. Até nossas próprias necessidades animais, tais como comida e sono, podem ser satisfeitas com relativa facilidade. Mas os seres humanos possuem necessidades mais profundas, inclusive a necessidade de amar e ser amado, uma necessidade que só pode ser satisfeita por meio do sentido. “Sou necessário?” é parte integrante de “Quem eu sou?”, “O que estamos fazendo aqui?” e “Qual o sentido da vida?”.

Se a procura de sentido é considerada loucura, deveríamos perguntar o que é mais louco: acreditar no sentido na forma como o supomos todos os dias, procurar por sua fonte e talvez encontrá-la, ou descartar a própria procura como loucura e conformar-se com uma vida sem nenhum sentido? A verdade é que nós, humanos, somos mercadores de sentido. O sentido é tão natural para nós quanto o ar que respiramos e a terra em que pisamos. Cada palavra que pronunciamos, cada ato que executamos, cada plano que elaboramos (e cada frase que você está lendo) nos grita “sentido, sentido, sentido!”. Sem sentido, tanto nossa vida cotidiana momento a momento quanto nossa vida considerada como um todo seria pior do que trivial. Seria sem valor e fútil.

Será que os intelectuais contemporâneos realmente pensam que, embora nossa vida diária esteja carregada de sentidos irreprimíveis, não importa se há algum sentido na vida humana em si ou no universo? Como eles podem dizer isso? O que, além da presunção, os leva a concluir que o que eles mesmos não veem não pode estar lá, e que ninguém mais irá descobrir também? Se não há sentido no que *somos*, por que há sentido no que *dizemos* ou *fazemos*? Será que toda a vida humana é simplesmente uma escalada interminável de escadas que estão apoiadas nas paredes erradas? Quantas pessoas